



## **A PARTICIPAÇÃO DO HOMEM/PAI NA VIDA DA MULHER E DO FILHO NO PERÍODO DO PUERPÉRIO<sup>1</sup>**

Audrey Vidal Pereira<sup>2</sup>  
Guido Marcelo Campos Neves<sup>3</sup>

### *1. Considerações Iniciais*

O presente texto tem a intenção de refletir sobre a temática da paternidade quando presente em espaços socialmente identificados como femininos. A tradição das diferenças existentes nas relações de gênero e na divisão de tarefas entre os sexos sempre estiveram presentes em nossa sociedade. Ou seja, tanto homens quanto mulheres aprendem funções que atravessam gerações delimitando espaços dicotomizados.

Na área da saúde, cada vez mais os homens / pais demonstram interesse em acompanhar as mulheres nas consultas de pré-natal, nos momentos do nascimento, e em espaços como salas de vacina e consultórios de puericultura e pediatria. Empiricamente, tem sido possível observar que a presença de homens em espaços que eram frequentados exclusivamente por mulheres tem se tornado mais constante. As transformações ocorridas na sociedade atual fazem com que seja necessário um maior entendimento por parte dos homens sobre sua inserção, participação e atuação como pais nas primeiras semanas de vida do recém-nascido, já que progressivamente tem ampliado as expectativas a respeito dessa atuação importante no espaço da vida em família.

Deste modo refletimos como tem sido a participação destes homens/pais nos momentos relacionados ao nascimento de seus filhos, que são reconhecidos como de predomínio feminino. Diante disto, acreditamos ser interessante identificar a visão destes pais, a partir de suas dificuldades e facilidades, sobre suas participações na vida das mulheres e recém-nascidos durante o período do puerpério.

---

<sup>1</sup> Estudo extraído do Trabalho de Conclusão de Curso do segundo autor, sendo orientado pelo primeiro autor em 2009.

<sup>2</sup> Doutorando da Escola Nacional de Saúde Pública e Professor Assistente da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa / Universidade Federal Fluminense.

<sup>3</sup> Enfermeiro graduado pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa / Universidade Federal Fluminense.



## 2. Do pai biológico ao ‘novo homem/pai’ e sua presença no período do puerpério

Durante grande período, nas famílias da sociedade ocidental, coube especialmente a mulher assumir o cuidado e a educação infantil no âmbito da reprodução. Por sua vez, o homem era tido como provedor, não participando da criação dos filhos, muito menos dos trabalhos domésticos, sendo que seu mundo era externo a casa, ou seja, o mundo público de produção econômica (CHECHI & HILLESHEIM, 2008). Assim, a identidade masculina foi construída com aspecto de superioridade à identidade feminina, desde cedo sua construção histórica se dá por meio de símbolos de locomoção, força, brutalidade, virilidade, sucesso, liberdade, poder e autonomia, que passam à noção de ‘superioridade’ e ‘dominação’ para toda sociedade. Para a mulher ficavam reservados os símbolos que indicam sensibilidade, fragilidade, cuidado, submissão, e emoção (ECCEL, 2009; MIRANDA, 2006; CECCARELLI, 2006; DIAS & AQUINO, 2006; GOMES & RESENDE, 2004).

Com o passar do tempo, as mudanças tecnológicas e determinados fenômenos sócio-políticos (aumento da escolaridade da mulher, entrada da mulher no mercado de trabalho, menor número de filhos, diminuição no número de casamentos e aumento nos números de divórcios e separações) permitiram espaços para formação de novos arranjos familiares como: união de homem separado com mulher divorciada, casais sem filhos, a criação do filho apenas pela mãe solteira (produção independente) ou pelo pai separado, a formação de casais do mesmo sexo (WAGNER & LEVANDOWSKI, 2008; TEYKAL & ROCHA-COUTINHO, 2007).

As mudanças de comportamentos ocorreram através do questionamento da autoridade do pai frente toda a família. A quebra da hierarquia doméstica, da dependência econômica e a introdução das mulheres no mercado de trabalho começaram a desenhar uma nova formação familiar, possibilitando questionamentos e repercussões nas relações de gênero e por extensão nas definições de papéis maternos e paternos. Assim, as concepções de paternidade se deparam com uma demanda subjetiva, advinda da exigência de revisão de seus papéis (um pai mais ativo, mais atuante, comprometido com a casa e com e os filhos) no mundo contemporâneo (GOMES & RESENDE, 2004; CECCARELLI, 2006), cuja formação educacional e padrão econômico, contribuam para que sejam capazes de romper com o modelo masculino tradicional (FREITAS, *et. al.* 2009).

Ainda que muitas mulheres continuem a se sentirem as principais responsáveis pelos cuidados com a casa e a família, já podemos assistir uma maior participação dos homens no lar, especialmente na criação e educação dos filhos. Mesmo sendo motivo de questionamentos e conflitos, essas responsabilidades podem ser vistas a partir das diversas funções e posturas que o



homem tem sido convidado a assumir (cuidados com recém-nascidos, colaboração, sensibilidade) no seu dia a dia (TARNOWSKI, PRÓSPERO & ELSEN, 2005; BORNHOLDT, WAGNER, & STAUDT, 2007); mesmo que tais responsabilidades (acompanhamento escolar, sua participação ativa nos programas de lazer, um maior acompanhamento nas unidades de saúde) não sejam compartilhadas de forma igualitária em todas famílias, visto que as mães tendem a se envolverem mais nas tarefas do cotidiano dos filhos (WAGNER, *et. al.* 2005).

No âmbito da saúde, também encontramos dificuldades no processo de inserção do homem nos espaços reconhecidos como femininos. Por muitas décadas, o período que envolvia a gravidez, parto, pós-parto e criação de filhos foram vistos como de domínio da sensibilidade e delicadeza feminina, onde os homens não se envolviam, mantendo-se distantes e demonstrando dificuldades na realização de cuidados com o recém-nascido, como a realização da higiene corporal, insegurança para pegá-los, cuidado com o coto umbilical e participação no processo de amamentação, naturalizados pelas mulheres

No entanto, entendemos que a participação do homem/pai seja muito importante na gravidez, no parto e pós-parto. As transformações físicas e emocionais (ganho de peso, edema de membros inferiores, aumento das mamas devido lactação, inseguranças, instabilidade do humor e conflitos) que as mulheres sofrem durante esse período são grandes e é importante que sejam acompanhadas de modo ativo pelo companheiro. Desta forma, torna-se necessário que os homens/pais estejam sensibilizados para se envolverem nesse momento, a fim de compartilhar apoio e tranquilidade, pois como as mulheres, também vivenciam períodos de incertezas e preocupações.

O alojamento conjunto também é um momento de facilitar do aprendizado do pai e da mãe a fim de torná-los mais seguros, favorecendo o fortalecimento e interação (SCHMIDT & BONILHA, 2003).

Logo, os profissionais de saúde devem estar disponíveis a reconhecerem as dificuldades vividas pelos homens e mulheres (sexualidade, os direitos trabalhistas, a saúde da mulher e do recém nascido e o aleitamento materno) durante o período da gestação, nascimento e puerpério; visualizando estratégias que minimizem as mesmas, através do esclarecimento de dúvidas, compreensão das alterações e o incentivo da participação ativa do pai (OLIVEIRA & BRITO, 2009). Esse auxílio pode ser fonte de reintegração, fortalecimento dos laços afetivos entre pai, filho e companheira.



### *3. Aspectos Metodológicos*

Estudo realizado com pais que acompanharam suas mulheres e filhos durante o puerpério imediato, para participarem de um grupo de puérperas e realizarem vacinação e teste do pezinho, conforme recomendação do Ministério da Saúde (BRASIL, 2005).

Trata-se de um estudo do tipo descritivo com abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2006) a pesquisa qualitativa “se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”.

A unidade de saúde escolhida para realizar a pesquisa foi uma Policlínica Regional de Saúde, localizada no bairro da Engenhoca, cidade de Niterói-RJ. A coleta de dados foi realizada com dez homens/pais, com idade acima de 18 anos, sem distinção de cor ou classe social, que participaram do momento em que seus filhos realizavam vacinação e teste do pezinho após participação de um grupo de puerpério, operacionalizado por uma enfermeira e assistente social, com o objetivo de realizar avaliação obstétrica e educação em saúde no puerpério.

Para obtenção dos dados, foi realizada entrevista, a partir de um roteiro semi-estruturado, cuja gravação se deu através de consentimento livre e esclarecido conforme a Resolução 196/1996. Para analisar as falas destes homens, optou-se pela técnica de Análise Temática, que segundo Bardin (2009), tem como intenção identificar unidades de significação que surgem a partir das falas dos entrevistados. No caso deste estudo - falas sobre a participação de homens/pais, em momentos do puerpério.

### *4. Análise e discussão dos dados*

Após leitura das entrevistas foram separadas as falas em comum, aglutinando as categorias temáticas, sem preocupação com a frequência, porém este é um fator que auxiliou a aproximação das idéias. A seguir foi realizada a análise da participação desses homens, que ao serem questionados sobre satisfações, incômodos, conflitos e auxílios vivenciados com o nascimento dos filhos, foi possível elaborar duas categorias temáticas: - Facilidades dos pais em participar da vida da mulher e filho após o parto; e - Dificuldades dos pais em participar do período puerperal.



#### 4.1- Categoria 1: Facilidades dos pais em participar da vida da mulher e filho após o parto

Por uma questão cultural o pai sempre esteve afastado dos cuidados diretos com os filhos. A mãe sempre foi responsável pela realização de higiene corporal / troca das fraldas, amamentação e colocar o bebê para dormir, etc. Enfim, o homem/pai durante muito tempo esteve ausente do processo de cuidado e educação de crianças. No entanto, gradativamente tem acontecido alguma mudança, apontando para participações diretas ou indiretas na relação com o nascimento dos filhos.

Algumas falas possibilitam perceber que alguns pais, em comparação com gerações passadas, estão participando mais das atividades domésticas e do cuidado dos filhos: *“Troco fralda e coloco para dormir”* (Dep. 07) e *“Troco fralda... pego no colo para ela parar de chorar e coloco para dormir.”* (Dep. 05).

Existem serviços e profissionais que demonstram a preocupação de inserir os pais nos períodos de gestação, parto e pós-parto, incentivando-os a vivenciarem esse momento de grande importância. *“O médico autorizou minha participação. Só não assisti por que não gosto de ver. Mais fiquei até o último momento de ela ter. Fiquei no pré-parto, vi a bolsa estourar”* (Dep. 02).

A presença paterna no período após o parto atua fortalecendo o vínculo com o filho, através de encontros que demonstram prazer e satisfação. Essa presença foi permitida em algumas unidades de saúde, como pode ser observada através das seguintes falas: *“Após os primeiros cuidados, terminaram de limpar... depois eu estava com meu filho nas mãos”* (Dep. 02) e *“Logo que terminou o parto, passou uns dez minutinhos e pude ver meu filho”* (Dep. 10).

Mesmo que seja em atitude de colaboração, existem aqueles que declaram maiores envolvimento, afirmando realizarem atividades durante o período após o parto, *“Estou tendo jornada dupla. Realizo as tarefas de casa para deixar minha esposa com maior tempo livre para cuidar de nossa filha”* (Dep. 05), minimizando as diferenças nas relações de gênero.

#### 4.2- Categoria 2: Dificuldades dos pais em participar do período puerperal.

Foi possível observar que as dificuldades dos pais em relação aos cuidados com os recém-nascidos predominaram. Alguns demonstram interesse em participar, mas dizem estar em processo de aprendizado. *“Estou aprendendo ainda a trocar fralda e dar banho. Mas coloco pra dormir e arrotar”* (Dep. 03) e *“Não sei trocar fralda, dar banho, mas vou aprender”* (Dep. 09) Assim encontramos participações indiretas, esporádicas, ou ainda ausência de participação.



É possível perceber que alguns pais procuram justificar os motivos da não realização de cuidados, demonstrando preocupação em relação ao medo de segurar, de machucar e de não possuir destreza para manipular o filho, além de ficar em dúvida quanto a sua competência. “*Dá banho eu não dou não. Por que não acho legal. Ele ainda é muito molinho. Não tenho aquela agilidade legal.*” (Dep. 02) e “*Mas acho que não levo jeito ainda...*” (Dep. 07).

Outros pais relataram dificuldades como falta de tempo para se dedicarem aos cuidados dos filhos. Assim, essa falta de tempo devido ao trabalho, é um fato sinalizado por grande parte dos pais, e com a chegada do filho muitos demonstram a necessidade de serem os principais provedores financeiros do núcleo familiar. “*Falta de tempo. Quando estou em casa troco fralda*” (Dep. 04) e “*Como trabalho de noite, quando chego vou direto dormir. Falta um pouco de tempo para estar com minha filha. Hoje quando cheguei em casa ela (esposa) estava vindo pra cá, aproveitei e trouxe*” (Dep. 06).

Surgem ainda, falas correlacionadas ao fato de que o filho estaria trocando o dia pela noite. Essa adaptação que está acontecendo com o padrão de sono do recém-nascido acaba afetando de modo direto a vida do casal. Por que o período que seria o seu descanso, está sendo interrompido pelas necessidades e choro do recém-nascido. “*Única coisa que incomoda é o horário... ela está trocando o dia pela noite... estou tendo dificuldade para dormir*” (Dep. 01). “*No início é difícil... ele acorda muito durante a noite para mamar*” (Dep. 07) e “*... acordo muito de madrugada*” (Dep. 06).

Ainda prevalecem nas falas de alguns homens dificuldades correlacionadas às relações de gênero e divisão sexual do trabalho, onde o masculino não tem participação nos cuidados com os recém-nascidos, ficando sobre a responsabilidade das mulheres. Não verbalizam percepções de dificuldades, pois deixam claro que não estão realizando ações diretas com os filhos. “*Só vim como motorista mesmo, pai nessas horas é pra isso*” (Dep. 04) e “*... não tenho quase nenhuma... porque, quem cuida mesmo é a mulher.*” (Dep. 02).

Outra dificuldade encontrada pelos pais é a falta de informações importantes durante o período de pré-natal e pós-parto. Apenas um pai relatou ter recebido informações a respeito do parto, das modificações que ocorrem no corpo da mulher grávida e de como lidar com a chegada do filho em casa. “*A médica de minha esposa me explicou tudo...*” (Dep. 06). Esse fato chama atenção, pois foi identificado que há uma maioria de pais que relataram estar presentes no momento do pré-natal e logo após o parto, no entanto, apenas um refere ter compartilhado algum tipo de orientação.



Os demais pais sinalizaram não ter recebido informações durante esse período, inclusive quanto aos direitos do acompanhante e da licença paternidade. “*Não falaram nada... não recebi nenhuma informação*” (Dep. 02). “*... não autorizaram... por ser do sexo masculino... que pai atrapalha nessas horas, que desmaia... bobeira, só queria acompanhar*” (Dep. 01) e “*Escutei pelos outros (licença paternidade)... uns falam que são cinco dias pra ficar em casa, outros dez dias...*” (Dep. 07).

Mesmo não sendo identificado nas falas dos pais, nem ter sido objetivo deste estudo, podemos observar que a falta de estrutura é um dos principais motivos alegados pelos profissionais de saúde e instituições, para inserirem o masculino no espaço materno.

### 5. Considerações Finais

A participação do pai em momentos que vão desde o pré-natal até a consulta puerperal tem sido gradativa, no entanto ressaltamos que tais inserções possibilitam repercussões positivas nos espaços da residência / relações com a família, cujas falas acima conseguem expor as opiniões que os pais têm sobre suas inserções neste contexto. Desta maneira, pode ser observado a partir das falas dos próprios pais, que a presença paterna na sala de vacinação / teste do Pezinho e a participação dos cuidados com os recém-nascidos, ainda não são legitimadas no campo masculino, ratificando a divisão de papéis e as diferenças nas relações de gênero. Ainda há presença da figura do pai provedor e centrado na participação econômica, permanecendo distante dos cuidados diretos dos filhos. Com maior dedicação ao trabalho, os pais dizem que falta tempo para participar dos cuidados diretos dos recém-nascidos.

Apesar das mudanças que acontecem lentamente na vida do homem atual, pode-se observar que ainda há resistência de muitos homens/pais em participar da vida da mulher e filho durante o puerpério imediato. Com isso, acredito que os profissionais de saúde além de respeitarem as leis que garantem direitos durante o processo de gestação e nascimento, devem buscar incentivar a inserção destes pais nesses espaços.

### 6. Bibliografia

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edição Revista e Atualizada. Edições 70. 2009.

BRASIL. **Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada - manual técnico**. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. Brasília, 2005.



- BORNHOLDT, E. A.; WAGNER, A. & STAUDT, A. C. P. A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. **Rer. Psic. Clin.** Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.75-92, 2007.
- CECCARELLI, P. R. As repercussões das novas organizações familiares nas relações de gênero. **Cronos**, Natal-RN, v. 7, n. 2, p. 321-326, 2006.
- CHECHI, P. & HILLESHEIM, B. Paternidade e mídia: representações sobre o pai na contemporaneidade. **Rev. Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 28, v. 1, p. 89-108, jan./jun. 2008.
- DIAS, A. C. & AQUINO, E. M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22 (7), p. 1447-1458, jul., 2006.
- ECCEL, C. S. Subjetividades contemporâneas, trabalho e masculinidades. **Tese de Doutorado**. UFRGS. Porto Alegre, 2009.
- FREITAS, *et. al.* Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev. Saúde Pública**; 43 (1), p. 85-90, 2009.
- GOMES, A. J. S. & RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, v. 20, n. 2, p.119-125, 2004.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9ª ed. revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.
- MIRANDA, L. C. A percepção da mulher no mercado de trabalho: emprego, carreira ou vocação. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Economia e Finanças IBMEC. Rio de Janeiro, 2006.
- OLIVEIRA, E. M. & BRITO, R. S. Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, jul-set; v.13, n.3, p.595-601, 2009.
- SCHMIDT M. L. S. & BONILHA A. L. L. Alojamento conjunto: expectativas do pai com relação aos cuidados de sua mulher e filho. **Rev. Gaúcha Enferm**, Porto Alegre-RS, dez; v.24, n.3, p. 316-324, 2003.
- TARNOWSKI, K. S., PRÓSPERO, E. N. S. & ELSÉN, I. A participação paterna no processo de humanização do nascimento: uma questão a ser repensada. Florianópolis: **Revista Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 14 (Esp.), p. 102-108, 2005.
- TEYKAL, C. M. & ROCHA-COUTINHO, M. L. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 3, pp. 262-268, set./dez. 2007.
- WAGNER, A. & LEVANDOWSKI, D. C. Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v.7, n. 1, p.88-97, jan./jun., 2008.
- WAGNER, A. *et. al.* Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, mai-ago, v. 21 n. 2, p. 181-186, 2005.